

JORNAL

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

MODAS



Duas palavras sómente ás minhas queridas leitoras: Duas palavras apenas, que tempo não terão ellas de dar-me cinco minutos de attenção. Mal chegão as horas do dia para as preoccupações do *toilette* e para os gozos encantados do baile.

Estamos em meia estação deste seductor divertimento, deste meio viver das moças, deste *oasis* do mundo elegante, e... (ora vá sem exemplo) desta idade de ouro dos namorados, — porque o tempo de pôr escritos no coração é o dos bailes — assim disse um elegante diplomata no baile do *Cassino*, em desconto dos seus peccados, e com a mão sobre a sua consciencia, que é a peor visinha que elle pôde ter junto do arruinado edificio do coração, onde já lhe não pegão escritos, por mais obrêas que levem.

Mas, tenha o diplomata ou não tenha razões para assim acreditar, o que é fóra de dúvida, querida leitora, é que a Moda, excluindo os velhos (perdoem-me suas mercês) dos seus vastos dominios, quiz livral-os de fazerem na sociedade um papel extravagante, indicando-lhes ao mesmo tempo quaes os atavios que melhor aduão o caracter grave e discreto que lhes é proprio.

Nem em tempo algum autorisou a Moda que elles a comparassem entre o presente e o pas-

sado, porque logo previu que, turrões e achacosos, sempre hayião de achar o seu *tempo de dantes* melhor que o nosso: e pois os cabelleiros erão melhores; os penteados mais bonitos; as flores não erão de papelão dourado, mas erão de papel pintado; os penteados não erão cobertos de flores, mas erão cheios de polvilho, estufados com almofadinhas, armados com arames, accrescentados com postiços de cabello morto, que mal deixavão lobrigar o cabelo vivo. Não se usavão sedas dobradas, mas as conhecidas e muito falladas *sedas da fabrica*, cujo tecido, á par do dictado portuguez — *feito e forte* —, ainda hoje se vê ostentando os foros da sua antiga belleza e duração nas redondas casacas dos esturdios mascarados á antiga. As saias não erão de crina, mas as *anquinhas* erão de arco de ferro. Os vestidos, os sapatos, as meias, as luvas enfim, nada era feio ou improprio; tudo era bonito e apropriado. A Moda de hoje não presta, qual nem tem belleza. As moças usão a cabeça toda coberta de flores; os vestidos são muito compridos; rasgão-se as rendas no baile; as sedas são encorpadas de mais; os enfeites são exagerados; os fillos, os folhos, as joias, nada lhes agrada assim sem mais, nem menos...

Ora, senhores meus; Vnis. quando deixarão de entremetter-se nestes negocios que lhes não pertencem, nesta repartição que é toda nossa?

Para que censurar? para que comparar modas antigas com modas modernas?

Limitem-se a dizer — eu gosto mais de um vestido curto, de uma saia sem folhos, de um corpo decotado, de um penteado sem flores: isto é cousa admissivel: é o parecer de cada um explicado conforme o seu gosto: está no seu direito quem assim o fizer. Mas censurar, senhores! censurar a Moda, quando amanhã lá ides mandar fazer um vestido, um enfeite, um penteado, para vossa esposa, para vossa filha, para vossa irmã, igual a aquelles de que hontem criticaveis! Quando, para alcançardes um favor, tendes de eloziar hoje o mesmo vestido que dizíeis hontem que não prestava, que era encorpado de mais!...

Oh! isso não é do vosso apregoado character.

Para que renovar usos e costumes sómente de máo gosto!

Para que satisfazer um capricho de momento, com prejuizo vosso e do vosso paiz!...

Quereis censurar, quereis fallar em regra, fazendo um bello artigo de *toilettes*? Pois bem. Estudai a moda: fazei o que, em Pariz, em Londres, em todas as capitães cultas da Europa, praticão aquelles que se dedicão a escrever neste sentido: ponde-vos ao facto desta sciencia particular; e então, qual mestre de escola inflexivel, corrigi os defeitos do *toilette*: indicai o que de melhor prescrever a Moda; accusai a modista que não fallar bem, que enfeitar mal um vestido, que não souber modificar ou alterar um figurino conforme o corpo; a cor, a elegancia de sua frequência; chamai á barra do julgamento o cabelleiro que não executar perfeitamente o penteado; proibi-lhe que as grinaldas carregadas de flores, que os muitos enfeites de cabeça já não se usão. Finalmente, sêde um crítico que corrija, e não um censor que ridicularise.

Sêde um perito respeitavel, e nunca um motejador desenhado.

O meu mestre de francez, homem mui estimavel e de profundos conhecimentos, dizia-me muitas vezes que a censura, para produzir effeito, devia ser energica, mas bem baseada.

Mas vós, senhores, que fallais de modas como se tratasseis de cleiões, que julgais que podeis dar em tudo vossa pennada, tende paciencia, estudaí primeiro essas mil bagatelas, esses mil volteios da Moda, e então estabeleci uma cadeira, dai vossas lições, que eu vos irei ouvir e respeitarei vossas palavras.

Antes disto, accitai um conselho de-moça, que não despreza os velhos por fallarem em modas, nem os moços que ignorão o bom-tom:

— Quando algum festim tiverdes de descrever, não vos importeis das sombras do quadro brilhante e animado: descrevei sómente o que vistes de melhor. Bem sabeis que nos mais bellos estofos a mordacidade sempre encontra a mancha indelevel de que se occupar.

— Nos bailes e nas modas, o bom-tom e o cavalheirismo está em descrever o bello e o agra-

davel — o mais não lhes pertence, que o progresso o reprovou.

Mas, meu Deus! duas palavras, só duas palavras, que vos pretendia eu dizer, querida leitora, a principio destas toscas linhas, que sermionatico artigo desenvolverão! Felizmente, tenho por certo, que vós, em meu lugar, diríeis outrotanto, e que me relevareis, por hoje, não vos dizer mais nada.

Dou aqui porêm logar a uma cartinha, que recebi de amiga minha muito intima, a qual pela primeira vez se dignou conceder-me licença para sua publicação, com a condição de lhe não publicar o nome para não offender a delicadeza de suas intenções. Consenti, e estampeí a seguinte carta.

« Christina, se os grandes bailes nos arrebatão a esse existir fantastico, de uma noite de encantos, de estrepito, de luxo, de grandezas, em que o peito aspira perfumes, o corpo adormece no fausto, e a alma desperta na realidade; o salão particular, guarnecido de amigos, brilhante de risos, de prazer, deste prazer ameno que nos eleva a um Eden de doçuras inexplicaveis, de delicias, cuja recordação deixa por muito tempo uma viva saudade em nossa alma, o salão particular, repito, encerra encantos de amizade, que o brilho, que o estadão dos grandes bailes, não lhe podem offuscar.

« Assim pensava eu sentada na mais macia e aveludada cadeira de uma das salas graciosamente decoradas da casa da minha amiga, a Sra. D. Thereza Saman, que festejava o anniversario do seu feliz casamento, e o baptismo do seu primeiro e querido filhinho. Era uma noite de amigos reunidos em esplendida função de amizade. A minha amiga e o seu cavalheiro esposo, o Sr. Saman, não se fartavão em distribuir agradros e captivadoras attenções a todos os seus convidados.

« Lá da minha cadeira gozava eu desta felicidade; fruía em silencio o prazer desses introitos de uma função familiar, que sempre são animados e alegres, quando fui advertida que chegado era o momento de dancarmos a primeira quadrilha, de que uma magnifica musica acabava de dar aviso. Fui dançar com o Sr....

« Entrei, pois, no labyrintho delicioso das contradanças, das valsas, galopes, schotischs, e perdi-me no rumo poetico que levava a minha imaginação encantada, da ventura que liga o esposo á meiga consorte, quando intimos e concordes elles percorrem os dias felizes de sua existencia. A minha amiga dançava a primeira quadrilha com o seu esposo.

« Este acto de amor, de deferencia, que rememorava o anniversario do seu casamento, não passou desapercibido para mim que os contemplava: errei a marca da contradança admirando-os.

« Dançamos, Christina, rimo-nos e brincamos até á uma hora da noite sem cessar: apenas eramos interrompidos pelo abundante serviço com que nos obsequiava o Sr. Saman.

« Não te fallo dos *toilettes*, nem das moças bonitas, porque sabes que nestas reuniões toda-

nós somos bonitas, todos os *toilettes* são magníficos, comquanto, tivesse o que dizer-te da elegancia de um vestido cõr de canario, e da belleza de outro cõr de rosa: trajavamos em *toilette* de grande rigor.

« Aposto que não és capaz de adivinhar onde estava collocada a immensa e magnifica mesa da ceia? Não admira que não adivinhes, porque nós, que lá estavamos, percorrendo toda a casa, não adivinhámos tambem, senão depois que a vimos.

« Foi uma agradável surpresa que tivemos! A mesa estava collocada sobre o jardim. Uma elegante sala, formada sobre verdes canteiros de viçosas flores, illuminada e habilmente decorada a reproduzir um magico salão, era o delicioso e alegre recinto que ostentava essa mesa de sessenta talheres, coberta de opiparas viandas, capazes de fazer dar mil voltas de gosto á um gastronomo delicado.

« Deste lindo logar voltámos ao galhoifeiro e ardente Cotilhão, em que se distribuem raminhos mimosos de flores cheirosas, e as moças pregão no peito da casaca dos moços lacinhos de fitas de cores diversas: gosto muito deste genero de dança, e asseguro-te que prefiro á todas as quadrilhas e valsas.

« Depois do Cotilhão, que durou uma hora, ainda dançamos mais duas quadrilhas; e entre o — fique mais um instante — dançemos mais uma contradança — ora ainda é cedo, não vá — retirei-me ás duas horas da madrugada, saudosa e desejando a sorte deste ditoso par á muitos outros pares que eu conheço, e que não querem comprehender que a felicidade conjugal, requerendo cem attributos, elles encerrão-se em dous, a saber — Juizo e Dignidade.

« P. S. Christina, não reveles o meu nome. »

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

TOILETTE DE PASSEIO. — Chapéo *Théba*, composto de filó e rendas pretas, enfeitado por fóra e por dentro com campainhas azues, e bridas de fita larga com laços de grandes pontas.

Vestido de tafetá pintado, fundo branco com listras de setim cõr de flor de alecrim.

Corpinho afogado, perfeitamente ajustado, fechando nas costas. Cintura redonda. Manga meia larga em cima, e mais larga em baixo, guarnecida de dous volantes. Saia de grande roda.

As sub-mangas compõem-se de um fófo de filó que surge d'entre os volantes, fechando-se em um punho de renda franzida.

Collarinho de renda.

Cinto de fita rainha de cõr de flor de alecrim.

Brocbe de aço, e fivela do mesmo para o cinto.

OUTRO TOILETTE. — Chapéo *andaluz* delicadamente composto de palha, rendas, fita e uma pequena grade de veludo formando a borda das abas. É um lindissimo chapéo.

Roupão de tafetá Eugénie, aberto de cima a baixo.

Corpinho afogado atraz, ligeiramente arredon-

do para adiante, meio justo, de cintura baixa; saia de grande roda.

Mangas abertas ao lado, a fio direito. Sub-mangas formando um fófo fechado no punho enfeitado com um pequeno volante de renda.

A abertura do roupão é enfeitada pelos lados com duas ordens de crespo curto de tafetá e veludo picado, e no meio com uma grade cruzada do mesmo tafetá, a qual fica por cima de uma saia de mosselina branca bordada.

Chale de mosselina branca, bordado todo em volta e guarnecido de uma rica renda de tres pollegadas de largura.

Camisinha de pregas, de collarinho de renda.

Cattete, 7 de Outubro.

Christina.

ROMANCE.

UM AMOR DE MULHER.

(Continuado do n. 40.)

V.

Era no mez de Agosto de 1855, em dia santo de guarda. Soava meio dia na Sé de S. Paulo, quando os tres estudantes, entre elles o romanista, dirigião-se á Igreja do Collegio para ouvir a missa chamada — dos preguiçosos, a qual concorre quasi toda a academia e grande parte das moças da Paulicéa. Não sei se a concurrencia da rapaziada é por causa das moças, ou se a concurrencia das moças é por causa da rapaziada.

E' questão de pouco interesse; mas que é difficil de deslindar; porque, tanto gostão os estudantes das moças, como as moças gostão dos estudantes. — E não tem máo gosto qualquer d'elles.

Uns olhos de moça, uns bandos, um peito de virgem que alteia as rendas de uma bertha — uma falla que entrecabre uns labios rubros — e principalmente um beijo, é melhor do que ver as estatuas de marmore de Canova; ha de ser melhor do que ouvir a futura opera *Maqueira de Itamaracá*; finalmente, do que chupar um figo que se desfaz na boca; do que um copo de geleia; do que um sorvete de creme.

As moças tambem não têm máo gosto. Não ha moça que não goste de uma fineza delicada; e não ha quem saiba rendê-las tão bem como um estudante do curso juridico; além disso é ordinariamente um moço instruido, intelligente, de bom comportamento, apesar de que as velhas antes querem suas filhas ao pé de Satanaz do que junto de um estudante; mas as moças, comquanto digão por ahí que elles estão sempre jurando e sempre faltando ás promessas de casamento, contudo, têm um *penchant* irresistivel para elles.

Ha porém duas classes de moças, de que os estudantes não gostão, e se ellas não gostarem

delles, fazem-lhes nisso um grande favor — são as moças estupidas e as feias: preferem á ellas a prosa de um Bedel — uma hypothese de ceia — um charuto quebra queixo — um burro trotão em viagem, que é a cousa peor deste mundo — enfim um coice do diabo, á um beijo de semelhante gente.

A que tiver a cintura de pilão ao pé do estomago — uma cara endiabrada — amarella e be-xigosa — uma boca sem dentes — uns olhos de coruja — e um pé de galega —, deve ter consciencia que está collocada na segunda classe. A que não sabe dizer senão *sim* ou *não* ao par da quadrilha — que responde, como, já se me respondeu, perguntando eu quem era o pai de meu par — *papai é um homem* — e insistindo, tive de ouvi-la pronunciar com um ar de idiota — *é um homem que vende bolaxinha* — essa proclamo-a pertencente á tribu das estupidas.

Estou certo que não offendo a ninguém fallando assim — porque não ha bruxa, por mais horrenda que seja, que não se julgue, quando menos, sympathica — ou por mais estúpida, que não se julgue espirituosa e interessante.

Ha tambem outras duas classes de que os estudantes não gostão muito: d'aquellas que têm de dous namorados até cem, que se chamão *lou-reiras* — e daquellas que são umas santinhas, nas apparencias, mas que pisão no pé por debaixo da mesa, que escrevem cartas de namoro, e que fogem de casa quando menos se espera: — essas chamão-se *sonsts*.

Quando um rapaz, que ama puramente uma moça, escreve-lhe uma carta, sem desfructes e sem asneiras, porque nunca pôde fallar-lhe, e que entretanto tem necessidade de dar-lhe um conselho; de perguntar-lhe alguma cousa extraordinaria; de dizer-lhe que alguém se anda jactando de tê-la requestado; creio que se uma moça recebe esta carta (por assim dizer, não é uma carta de namoro), o mais que commetterá será uma indiscrição — nunca um acto que prejudique a sua reputação. Mas não deve responder-lhe por escripto —, porque uma carta de moça tira-lhe toda a poesia — principiando do *meu bem* de cima até a *tua amante* do fim; e uma moça sem modestia, sem pudor, sem recato, é prosaica. Se todas seguissem essa theoria nunca se terião de arrepender. Mas deixemos estas, e passemos ás espirituosas. Quando são bonitas, são os anjos do mundo — se são feias, algumas vezes, enjoão e causão tédio; porque, ordinariamente das moças feias, que tem espirito, algumas ha, que se mettem a fallar no Byron, no Lamartine, no Tasso, no Goethe, por tanto tempo, que produzem no padecente, que as atura, dór de estomago, dór de cabeça, febre, calafrios e ingua por alguns dias — entretanto, se fosse bonita, a sua conversa seria a mais agradável — para um estudante.

Forão estas as ultimas palavras de um dos estudantes — que se mais longo fosse o caminho, mais longa seria essa futil conversação. Eu não fiz mais do que resumil-a.

Entrarão na Igreja, e como hoje dispuz-me a ouvir o romancista continuar a historietta passada em Pernambuco, vou jantar com elles, e

assim dar contas ás minhas leitoras do que ouvir.

Emquanto elles ouvem missa eu explicarei a razão, porque aborreço certas moças, quando converso a respeito de rapazes — primeiramente, porque é um estudante quem escreve este romance, e deseja que o caracter de sua classe seja conhecido pelo que realmente é, destruido um máo conceito que pésa sobre elles: — eu já ouvi uma senhora dizer que estudante é synonymo de moleque.

Esta por certo chama sentimentos de canalha a tendencia dos rapazes para criticar todos os desfructes, o seu desprezo pelas vaidosas, e a ironia picante, que os distingue, quando se lhes lança alguma zombaria, o que é precisamente de um espirito justo e de um coração cheio de dignidade.

Não negaremos, contudo, que elles fazem muitas extravagancias — que praticão muitas banalidades — que são guiados muitas vezes por uma cousa futil: mas se colherá da leitura desses dialogos, que sempre precedem aos Capítulos deste romance, a sua moral e o seu caracter enfim.

A segunda razão — é descrever os costumes de S. Paulo, o que não deixa de ser util, se for bem descripto.

Não desenvolvemos essa razão — porque a missa do meio dia na Igreja do Collegio se diz em doze minutos, e os meus companheiros de passeio já estão collocados nos seus postos á ver o madamismo passar.

— Quanta mantilha! dizia um.

— Encobrem as caras mais bonitas de S. Paulo... dizia outro.

— Olha aquella como vem requebrada!... Dizia um terceiro.

— Que *toilette* de bom gosto! Só falta o verde-gaio para completar as côres do crepusculo. Dizia um quarto.

Ai! meu Deus! Dizia finalmente o romancista: lá vem o anjinho — de S. Paulo.

E houve um côro de suspiros desafinados.

E lá se forão todos elles passear, dizendo-me que só irião para casa ás duas horas da tarde.

Visto isso, eu começarei com uma recapitulação — para avivar a idéa do romance, e para gastar esse tempo que os estudantes fazem-nos esperar.

Lucila tinha tido um ataque — Fernando lhe havia dito adeus para sempre —, e a quarta quadrilha do baile do Sr. Samuel tinha terminado.

Tudo isto dá muito que pensar; e durante essas duas horas de espera, eu peço ás minhas leitoras que advinhem qual das duas moças — Lucila e Julia — casa com Fernando.

É difficil; porque o facto verdadeiro dá-me faculdade de augmentar um episodio, — e estou por um tris a fazer Fernando casar com ambas. Mas aqui é que está o *basilis*: qual das duas deve morrer?

Até logo, minhas leitoras.

X. Y.
(Continúa.)



Jules Duran



LE MONITEUR DE LA MODE.

M. de M. Alexandre - G. de S. Bonnet & Richelieu - Cour de Brillon - P. de la 11e -
V. de M. Vignon - de M. de la Cour - de M. de Cambrai - G. de M. Gille - de M. de M. Augustin -
de M. de M. de la Cour - de M. de la Cour - de M. de la Cour - de M. de la Cour - de M. de la Cour -
de M. de la Cour - de M. de la Cour - de M. de la Cour - de M. de la Cour - de M. de la Cour -
de M. de la Cour - de M. de la Cour - de M. de la Cour - de M. de la Cour - de M. de la Cour -

Paris Rue Richelieu 36



POESIA.

LÉ.

Virgem, tu és uma flor
 És uma rosa do Céu,
 Que a mão d'um anjo colheu
 Lá no jardim do Senhor.
 És a imagem do amor
 És a aurora da ventura,
 És a estrella que fulgura
 Com mais vivo resplendor.

Pensamento que poisaste
 No lindo rosto de bella,
 Queimáráo-te os olhos della
 As azas, e lá ficaste!...
 Porém tu que lh'as queimaste
 Recollhê-o no coração...
 E olha para a solidão,
 Que no peito me deixaste....

Mas, se já divina mão,
 Viste casar nossas almas....
 Como tu juntas as palmas,
 Quando fazes oração;
 Como as folhas que o botão
 Fechão todas reunidas;
 Em nossas almas unidas
 Fechemos nossa paixão....

Verás breve a flor sahir
 D'entre as folhas da roseira,
 Linda ramagem fagueira,
 Seu natal berço cobrir;
 Tal verás o amor surgir
 Das almas, bem como a rosa,
 E sobre a vida ditosa
 Meigas sombras espargir....

Azaredo.



ALBUM.

I.

Eu tinha um album formoso.

As paginas douradas do meu livrinho estavam cheias de nomes, de sentenças judiciosas e de ditos de amizade das companheiras da infancia; suas linhas tinham para mim recordações saudosas do tempo da minha vida o mais mimoso. Das amigas que deixei longe, pelas terras da Europa, eu me lembrava, quando nas horas de descanso, lançava os olhos sobre os seus manuscritos preciosos, e dizia a mim mesmo: quem tem um album é feliz!

Nem outra cousa mais amava eu do que esta preciosidade, bella prenda que me acompanhava da Allemanha; certificado de minhas affeições puras, envolvero dos orgãos floreaes, da flor dos meus sentimentos; depósito e urna sagrada de corações sensiveis que me deixáráo na mocidade.

Com elle atravessei eu o oceano; mas não se ressentiu do ardor do sol dos tropicos, senão para tornar mais pungentes as saudades do passado.

Eu era tão feliz em possuir um album; suas paginas occupavão o recinto mais particular da minha alma, a parte mais delicada da minha vida; eu pensava que nenhuma outra cousa no mundo poderia roubar minhas attentões ou distrahir minha imaginação. Assim meigamente enganada sentia eu o gozo e a pacifica doçura da nobre amizade, que tinha gravado com suas ternas mãos; nomes que jámais serião olvidados. Ao menos assim pensava eu.

O dia do desengano chega breve e quando menos é procura-lo; e então o ideal de nossa imaginação é destruido para sempre. A folha da planta de nossa existencia moral, murcha e desprende-se do peciolo que a sustentava; o véo oriental que encubria nosso espirito, rasga-se e vamos a bella odaliscia com todas as suas mimosas formas georgianas. E essa visão ideal atormenta nossos sentidos, faz parar nosso coração, estre-mecemos na presença da dor que se ergue mausamente em nossa alma; sentimos as lagas do suor dos tormentos escorrerem de nosso rosto; ha uma agonia e uma ancia mortal; fazemos votos, protestos, queixas; tudo baldado, e caminhamos certamente para o fim dos desejos vagos que povoão nosso coração ainda joven.

Eu amava o meu album, nunca senti acres dores por elle; mas espalhava doces lagrimas na ausencia, sobre suas paginas.

O meu album era tão lindo, tinha as paginas douradas, as folhas bordadas, tinha versos e sentenças, tinha nomes e flores pintadas; era tão lindo o meu album!

Era mais lindo ainda que o livrinho de resa de minha irmãa.

II.

Jámais havia eu sentido o que sinto.

Não sei que cruel incerteza, não sei que deliciosa esperanza entretinha minhas idéas inquietas; procurei em torno de mim; mas nada vi que assim me atormentasse: levantei meus olhos ao

Céo: vi a lua, as estrellas, o azul, a immensidade do espaço, e tudo me parecia pouco para a minha alma.

Quando abaixei meus olhos para a terra, uma voz soltou-se de meus labios — Amo, disse eu.

Então eu pude comprehendêr a minha auxiedade; eu entendi o som assustador que soltei sem querer, amei sem saber que amava; disse que amava, e não sabia quem me tinha ensinado.

Mas o meu album! eu o amei, porque quiz, porque os meus amigos me ensinárao a amal-o! amei-o, porque elle era tão lindo! amei-o, porque gostava delle.

O que imaginais que fosse o objecto do meu amor!

Um dia no delicioso jardim da minha vida passada, eu achei-me perto de um cravo; estava entr'aberto, olhei e gostei delle; cheguei-me mais perto e enrubeceu! desde então eu amo o cravo.

O jasmim é bem lindo, mas eu amo o cravo.

O heliotropo é delicioso; mas eu amo o cravo.

O lirio é candido e puro; mas eu amo o cravo.

Quanto não é doce o amor-perfeito; mas eu amo o cravo.

A saudade, a terna saudade é tão meiga; mas eu amo o cravo.

E a violeta cheia de humilde candura; mas eu amo só o cravo.

As estrellas brillantes do Céu, são tão puras, tão serenas!

A lua prateada, sobre a sua estrada azul, é tão melancolica de noite!

O sopro da brisa perto do lago é bem fresco e delicioso.

Que importa tudo isto; eu amo só o cravo!

Linda, linda, linda flor, o meu amor para ti é grande e insondavel.

III.

Amas-me tu, tambem?

O meu album era tão bello, dourado, as suas paginas tinham nomes e vèrsos, era mais bello que o livrinho de resa de minha irmã.

O meu cravo era mais bello que o meu album. Pobre pequeno album, eu não te amo já tanto; o meu album formoso; nem o leio mais como costumava.

Esqueci-me do meu album, nunca mais peguei nelle.

Está entre os outros livros, guardado indifferentemente.

O meu album.... ah! como te fui eu ingrata.

Mas o cravo, a lindissima flor do jardim do paraizo, essa trago-a eu no peito.

Elle é tão bello, tão senhoril, tão formoso!

I. C. A. J.

Costumes e crenças extravagantes de alguns povos.

Vou referir-vos um trecho de uma engraçada obra, que estou lendo; e, como não sou egoista,

reparto-com-vos o manjar que saboreio, sem que nem vos peça o obrigado do costume.

Eis o trecho:

« Entre os Transes, povos da antiga Tracia, quando nascia uma criança, os pais e os parentes, sentados em roda do berço, lhe fazião a enumeração dos males, de que o homem é assaltado no decurso de sua vida, e a cada reflexão seguiao-se gemidos e chòros; porém, quando morria um homem, os parentes, na maior alegria o felicitavao, de se achar livre dos flagellos deste mundo.

— Os Gregos antigos mettião nas mãos dos mortos um bolo feito de mel para com elle applicarem Cerbero, cão de três cabeças, que, segundo elles crião, guardava a entrada dos infernos; e uma moeda de prata, para pagarem a sua passagem ao barqueiro Caronte, que conduzia as almas na sua barca para o outro lado do rio Lethes, que separa a terra daquella morada tenebrosa.

— Os habitantes da India, quando ha um eclipse, acreditão, que é um certo dragão negro que se lança sobre o sol ou sobre a lua, para os tomar entre as suas horribéis garras. Nessas occasiões os Indios mettem-se nos rios, deixando apenas as cabeças de fóra, posição que julgão mui devota, para rogarem ao sol e á lua que se defendão do dragão.

— Os Russos não acreditão que haja purgatorio; mas, dizem, que as almas dos mortos, revestidas dos corpos com que peccárao, esperão a sua sentença em um logar de tranzição, agradável e sereno para os bons, triste e tenebroso para os máos: as orações dos fieis podem contribuir a fazer esta morada mais agradável aos máos, que a final têm que a deixar, bem como os justos farão o mesmo, depois da final sentença.

— Um artigo do codigo ecclesiastico da Islandia dava aos bispos, e mesmo aos membros inferiores do clero, o direito de impedir o casamento de toda a mulher que não soubesse ler. Esta prohibição é exorbitante; mas, não se poderá negar, que ao mesmo tempo ella é eminentemente propria para promover a instrucção das novas gerações. Ainda hoje este direito está ali em vigor, posto que seja exercido, com mais-reserva que d'antes. Na maior parte das parochias ha uma pequena biblioteca a cargo do Pastor para uso dos parochianos; e o mesmo cura é encarregado de excitar o desejo da leitura; e de os dirigir para que sejam uteis.

— Viscondessa da

Patriotismo inglez.

Refere-se o seguinte facto assás caracteristico do patriotismo inglez. Um judeu tinha uma preciosa perola de grossura extraordinaria, e a foi apresentar á celebre Izabel, rainha de fuglaterra, pedindo-lhe por ella duzentos e cincoenta mil cruzados. A rainha, que se era mulher no sexo, podia bem dar lições aos homens na arte de reinar, recusou dar tão avultada somma por uma cousa, na verdade rara, mas que não tinha algum fim util. O judeu, desgostoso de não fazer negocio, declarou que ia passar ao continente para

offerecer a sua perola a outro monarcha, já que a rainha de Inglaterra não tinha dinheiro para lhe pagar.

Um negociante de Londres, tendo-lhe chegado isto aos ouvidos, e pezaroso de que o nome da Inglaterra fosse proferido alguma vez com dezar, mandou chamar o judeu á sua casa, comprou-lhe a perola, e depois de lhe ter pago, pediu-lhe que ficasse para jantar com elle. Ao *dessert*, na occasião de fazer uma saude á rainha, segundo o costume, mandou o negociante vir um almofariz, pizou muito bem a perola, e depois de reduzida a pó, deitou-a n'um copo de vinho, e disse para o judeu « Já vês que a rainha de Inglaterra podia, se quizesse, comprar a tua perola, pois que ella tem vassallos que a podem beber á sua saude! »

Marido de quatro mulheres.

Um cirurgião havia casado, da idade de vinte e cinco annos, com uma mulher muito rica, e tendo vivido com ella apenas tres annos, a deixou e foi residir para Napoles, onde casou-se segunda vez com uma mulher que tinha dez mil cruzados de dote. Pouco mais viveu com esta do que com a primeira, e depois de lhe ter consumido até ao ultimo real, retirou-se para Veneza, onde conseguiu fazer-se amar da viuva de um negociante muito rico, com quem casou, e a quem poucos mezes depois abandonou, roubando-lhe quanto pôde, e fugindo para Roma. Mudando tambem aqui de nome, como havia feito por toda a parte, começou a inculcar-se como um medico de muita fama, e teve a habilidade de ajustar, dentro em poucos dias, o seu quarto casamento, com uma mulher, que lhe trazia de dote trinta mil cruzados. Viu-se porém o bom do nosso homem retido na carreira progressiva, que tão brilhantemente havia encetado, porque a viuva do negociante de Veneza, que tivera alguns indícios da sua direcção, o veio seguindo a Roma, e quiz a sorte que entrasse na igreja, onde o seu fugitivo marido recebia das mãos do parcho a sua quarta mulher. Justamente irritada de tão criminoso proceder o foi denunciar ao governador de Roma, que fez conduzir para a prisão o infatigavel esposo quando estava para entrar no quarto thalamo nupcial.

Esta aventura singular chegou á noticia de Xisto V, e despertou no pontifice o desejo de intertorgar pessoalmente o réo.

— Santissimo padre, respondeu o réo, eu confesso que tendo casado com a minha primeira mulher, sem ter della perfeito conhecimento, me vi obrigado a abandoná-la por causa do seu mau genio: deixei tambem a segunda porque tinha má cabeça: os caprichos da terceira me desgostarão a ponto de me ver obrigado a fugir-lhe; e se bem que ainda não conheço bem a quarta, cuido que tambem a não conservarei por muito tempo.

O pontifice lhe respondeu rindo-se: — ~~Tu~~ visto não ser possível encontrar neste mundo uma mulher que vos sirva, bom será que vades precural-a no outro mundo.

E ordenou logo ao governador de Roma, que mandasse enforcar este homem, a quem, se continuasse a viver alguns annos, seguramente não bastariam todas as mulheres do universo.

CHRONICA DA QUINZENA.

Dia 26 de Setembro.— Festa da Santa Cruz, na igreja dos Militares.— Beneficio da Sra. Jacobson.

Dia 27.— Festa de Nossa Senhora das Dóres, na igreja da Santa Cruz dos Militares.— Récita da S. D. P. *Amazonas*.

Dia 28.— Festa de S. Pedro Gonçalves, na igreja da Santa Cruz dos Militares.— *Cassino Fluminense*.— Baile — *Recreio da Mocidade*.

Dia 29.— *Carlos Segundo*, rei de Inglaterra, no theatro de Santa Thereza, pela occasião da posse do novo presidente.

Dia 30.— Festa do desagravo do Senhor Morto, na igreja da Santa Cruz dos Militares.— Baile — *Recreio dos Militares*.— Princiárião as novenas da Penha.— Ultima representação do *Attilla*, no Provisorio.

Dia 1.º de Outubro. — Baile da *Vestal* — *Phil'Euterpe*.— *O Noivo*, em S. Pedro.

Dia 2.— Festa da Virgem Santissima do Terço. — Festa de S. Miguel e Almas, em S. José. — Baile da S. A. *Rosario*.— Festa do Glorioso Archânjo S. Miguel, na freguezia do Santissimo Sacramento.— Festa de Nossa Senhora do Rosario. — S. D. P. *Minerva Fluminense*, solemni-sando em grande gala o dia 7 de Setembro, com as Augustas presenças de SS. MM. H.— *Thalia*. — Grande tiro da *Carubina*.

Dia 8.— *Philia*.— Beneficio da Sra. D. Joanna Paula Manso de Noronha, no theatro de S. Pedro.

Queridas leitoras, ouvi:

« — Um rapto! Um rapto!... »

— Minha querida Eugenia! exclamou Luiza, cahindo de joelhos.

O barão, cruzou os braços no peito, e olhou com desassocego em direcção daquella estrada, pela qual sentia correr a carruagem do saltador romano, murmurando consigo mesmo:

« Se eu houvera adivinhado isto!... »

E aqui fiquei, leitoras, mais impaciente do que qualquer leitor da *Notre Dame de Paris*, ao virar a ultima pagina do casamento de *Quasimodo*.

Já tereis adivinhado, que fallo da *Mãe do Fimado*; sim, e confesso-vos que, ao meu ver, torna-se maravilhosa e fertilissima a clastica-romanesca imaginação desse litterato de cunho, nessa continuação do — Conde de Monte Christo, resurgindo-o das cinzas do olvido para vivificar esse terribilissimo Benedicto, que lhe busca as faces para nellas imprimir a resequida dextra de seu progenitor!... Reliquia de um cadaver! Talisman de um sepulchro! A mão do Finado!...

Chefes d'obras, verdadeiras epopéas na classe e ordem dos romances, são esses os que prezo, porque fallão-me n'alma, conversão com meus raciocinios, inspirando-me arroubos divinaes!

São esses ós que adoro, porque em suas paginas, em cada uma de suas bellezas, eu sorvo porções de vida que me alimenta a fantasia!....

Quizera ver d'entre vós, leitoras, surgir uma nova Stael! Talvez que euão, á longos tragos sorvendo inspiraões na litteratura patria, as minhas debeis azas, abatidas pelo indifferntismo da época, ensaiassen pequenos vôos, e um dia as tubas da posteridade bemidissentem vossos exemplos!....

Felizmente já tivemos entre nós quem dêsse o passo da estréa, quem se tornasse o alvo das animações, onde as esperanças se convergem hoje!

Bem gravado deve estar em nossas reminiscencias esse triumpho da noite passada, colhido pela primeira mulher que entre nós aventurou os espinhos de uma coróa, tão brilhante e cara para os estranhos, e tão cruel para si!....

Sim, leitoras, colhei os laureis com que pagais a frente do genio, que á preço desse premio barateou suas produções; colhei esses laureis, indagai-lhe as folhas, que o venenoso aspide dos emulos ahi se occultará para sangrar-lhe a séde das inspiraões!

O dia 8 de Outubro de 1853 foi o aprazado para no theatro de S. Pedro ter lugar o beneficio da Sra. D. Joanna Paula Manso de Noronha, primeira redactora em chefe do *Jornal das Senhoras*, autora dos dramas — *A Familia Morel*, *A Esmeralda*, *O Dictador Rosas*, e das comedias — *A Saloia*, *As Manias do Seculo*.

Orgulho-me pois em ter occasião de noticiar-vos esse facto de tão grande saliencia nos annaes de nossa contemporanea emancipação litteraria. Não me admira que o homem, que tem á disposição dos seus mais insignificantes caprichos abertas ante si as portas de quantas faculdades o universo conta; não me admira que o homem avido de saber, e para quem se destinou a gloria dos renomes, para quem se constituirão as grandiloquas empresas scientificas e litterarias, e á quem a egoista sociedade faculta e facilita os meios instructivos dos mais solidos conhecimentos humanos, como partilha exclusiva de seu sexo; não me admira, digo, que elle attinja o apogéo da gloria, quando para a exaltação de seus feitos a sociedade empenha-se em facilitar-lhe os meios.

Admiro e orgulho-me por meu turno, quando tenho de traçar o panegyrico de algumas dessas heroínas da litteratura e da época, que contra a expectativa do crasso indifferntismo social, apresentão-se como que, inspiradas pelo ethereo lume, clamando pela emancipação de seu sexo, em prol do qual tem sacrificado ás vigalias, seu repouso votado ás lucubrações!

A Sra. D. Joanna Paula Manso de Noronha está incontestavelmente no caso de fazer jus á minha admiração e aos meus encomios; e mais alto que

tudo isto fallarão em prol do merito dessa senhora os freneticos applausos, a extraordinaria concurrencia, a ováo completa que tornarão immorredoura a recordação grata e saudosa dessa noite de triumpho ao genio, de emulação e estimulo á litteratura patria, de gloria e de enthusiasmo ao nosso sexo!

Não sei porque terá de desaparecer do repertorio lyrico esse esmeradissimo *Attila*?! Foi annunciada sua agonia, e seu passamento teve lugar no dia 50 do proximo passado. Muitas são as saudades que nos ficão dessa bella opera. Deus mande á nova empreza uma companhia capaz de resuscital-a!

Falla á consciencia do mais estoico indifferntista aos preceitos evangelicos, essa sacrosanta festividade na igreja da Cruz dos Militares, que commemora o desagravo do Omnipotente Deus vilipendiado por labios blasphemadores em sua santa effigie inanimada pelo passamento do Golpho e Calvario!

Essa religiosidade tão apregoada, essa reverencia apostolica tão vulgarizada, essa fé e contricção tão manifestadas, todos esses transportes da alma, quando o physico padece ferido pelas catastrophes que precedem e annuncião a morte, tudo isso de quanto é capaz o receio e o terror é mister que seja inoportunamente patenteado, para que não façais jus ao epitheto de hypocrita!

Mil louvores á essa mocidade avida de patrioticos sentimentos, que, para solemnisar o anniversario de nossa Independencia, não poupou sacrificios, fazendo distinguir-se brilhantemente sua MINERVA FLUMINENSE.

A nova directoria que tem de reger os destinos do theatro lyrico tomou posse no dia 6 do corrente, ás 5 horas da tarde.

Gervina N. P. dos S. N.

Pensamentos.

Os malvados, algumas vezes, praticão boas accões; mas é porque querem experimentar tambem se isto causa tão vérdadeiro prazer, como dizem os homens honrados.

Tanta vileza e cobardia é atacar um homem desarmado, como fallar mal de quem não pôde defender-se.

CHARADA.

É aos mortos que é devida 1
Ai de mim! no ermo estou! 1
Mas quantos, ó Deus! não fez
Aquelle que muito andou...

Acompanha este n.º uma estampa com figurinos de toilettes de passeio.